

# PAISAGEM E MEMÓRIA EM A DOLOROSA RAIZ DO MICONDÓ DE CONCEIÇÃO LIMA

ELIZABETH GONZAÇA LIMA\*

\* Universidade do Estado da Bahia –  
UNEB.

**N**

## *Resumo*

O livro *A dolorosa raiz do micondó*, Conceição Lima, poetisa de São Tomé, reconstitui espaços, paisagens da intimidade e histórico-sociais por meio da representação lírica de sua memória. O quintal da infância, a árvore do micondó, dentre outros elementos espaciais e paisagísticos, ganham contornos simbólicos nessas rememorações, que se espraiam ainda na lembrança de tempos dolorosos vivenciados em seu país. Este artigo pretende realizar uma leitura dessas paisagens analisando de que maneira estas desvelam a história social de São Tomé e pessoal do sujeito-poético reconfiguradas pelo memorialismo.

Palavras-chave: Poesia de São Tomé; Paisagem; Memória; Representação lírica; Arquipélago.

Por que paisagens corriqueiras como de uma praia, de um quintal ou de uma árvore ganham dimensões míticas e simbólicas no olhar de escritores e poetas? O que faz com que alguns lugares e suas respectivas paisagens simbolizem momentos celebrativos ou dolorosos na história de um povo?

Os estudos contemporâneos sobre a paisagem reconhecem que sua interpretação ultrapassa a realidade sensível, pois ela está carregada de sentido, podendo ser interpretada como um texto, um discurso. Segundo o geógrafo Matthew Gandy, a representação literária da paisagem deve ser vista como fator determinante do caráter social e cultural das sociedades. “Tanto a representação, como a própria paisagem, são lugares de superposição de jogos de poderes e de símbolos que têm influência na imaginação dos homens” (GANDY, 2004, p. 86). Sendo a linguagem escrita um dos modos de expressão da literatura, a paisagem deixa de ser um elemento passivo de observação para configurar-se como uma forma de representação do discurso literário.

Nesse sentido, Stuart Hall assinala: “O significado surge não das coisas em si, a ‘realidade’ – mas a partir dos jogos de linguagem e dos sistemas de classificação nos quais as coisas são inseridas. O que consideramos fatos naturais são, portanto, também fenômenos discursivos” (HALL, 1997, p. 28).

Tais reflexões abrem espaço para mergulharmos no universo da literatura de São Tomé e Príncipe, que desde seus primeiros momentos de formação apresentou estreita ligação com espaço e a paisagem das ilhas, denunciando o drama insular e seus desdobramentos na história social e cultural do arquipélago, como aponta Inocência Mata: “É a insularidade, em toda a sua imanência geopsicocultural e socioeconômica a matriz das formas literárias em São Tomé e Príncipe” (MATA, 1993, p. 114).

Um dos mais representativos poetas são-tomenses Francisco José Tenreiro manteve estreita ligação com seu lugar de enunciação poética, utilizando como matéria-prima a relação entre espaço/paisagem e representação histórico-social. Dentre sua produção sobre as ilhas, destaca-se o livro de poemas **Ilha de nome santo**, que além de trazer o tema da negritude, denunciou a condição do ilhéu frente ao colonizador:

A lua batendo nos palmares  
tem carícias de sonho  
nos olhos de Sam Márinha.  
Silêncio!  
O mar batendo nas rochas  
é o eco da ilha.  
Silêncio!  
Lá no longe  
soluçam as cubatas  
batidas dum luar sem sonho.  
Silêncio!  
No canto da rua  
os brancos estão fazendo negócio  
a golpes de champagne!  
(TENREIRO, 1942, p. 24)

É possível vislumbrar que os elementos paisagísticos como a lua, o mar, as rochas, perdem a capacidade de levar o sonho aos habitantes da ilha diante da exploração dos brancos: “Soluçam as cubatas/ batidas dum luar sem sonho” (TENREIRO, 1942, p. 24). Os versos demonstram que a percepção da paisagem passa por um filtro sócio-histórico e cultural que perpassa o olhar do sujeito-poético.

Ainda que a literatura do arquipélago não tenha a visibilidade merecida no âmbito das literaturas africanas de língua portuguesa, a poesia de São Tomé e Príncipe ganha originalidade e força com a presença de vozes femininas. Desde a literatura do período colonial, poetisas como

Alda do Espírito Santo e Maria Manuela Margarido desenvolveram uma poética de resistência como fez Francisco José Tenreiro.

Alda do Espírito Santo demonstrou ao longo de sua trajetória poética um profundo sentimento telúrico, mas este não a seduziu para um discurso de exaltação ideológica da natureza nos moldes românticos. Em seu livro de poemas **É nosso o solo sagrado da terra**, o sujeito-lírico convoca “As mulheres da minha terra” a redescobrir e ressignificar as ilhas, seja em sua beleza, seja nas dificuldades impostas pela natureza local, apontando assim para um sentimento de pertença identitária:

A nossa terra é linda, amigas

E nós queremos

Que ela seja grande...

Ao longo dos tempos!...

Mas é preciso, Irmãs

Conquistar as Ilhas inteiras

De lés a lés.

.....

A festa descera

Ao longo de todas as vilas,

Agitará as palmeiras mais gigantes

E terá uma força grande

Pois estaremos juntas irmãs

Juntas na vida

Da nossa terra

Mas é preciso conhecer

A razão das nossas secretas angústias.

Procurar vencer Irmãs

A fúria do rio

Em dias de tornado

Saber a razão

Encontrar a razão de tudo...

‘Os nossos filhos

O nosso filho morreu

Roído pela febre

Muitos pequeninos

Morrem todos os dias

Vencidos pela febre

Vencidos pela vida...’

(ESPÍRITO SANTO, 1978, p. 83-84)

Na mesma trajetória, Maria Manuela Margarido denuncia a face obscura e trágica da beleza nativa da ilha de Príncipe, o que de certa forma aponta para além da paisagem. Os termos “abandono”, “medo” e “cortinas espessas de dor” desvelam a dimensão histórica de séculos de colonização predatória, quando açúcar, escravidão e violência marcaram o compasso da rotina nas ilhas:

A ilha te fala  
Que rosas bravias  
Com pétalas  
De abandono e medo.

No fundo da sombra  
Bebendo por conchas  
Que vermelha espuma  
Que mundos de gentes  
Por entre cortinas  
Espessas de dor.

(MARGARIDO, 2003, p. 272)

A tradição são-tomense de vozes femininas comprometidas com o meio social se confirma na contemporaneidade com a produção literária de Ana Maria de Deus, Otilina Silva, Maria Fernanda Pontífice, Maria Olinda Beja e Conceição Lima, sendo a poesia desta objeto de nossa leitura.

Dentre essas, no entanto, cabe destacar Maria Olinda Beja que vivencia São Tomé por meio das lembranças, incursionando assim como Conceição Lima, pela poesia de cunho autobiográfico, em que memória e paisagem se entrecruzam e anunciam o pertencimento identitário ao arquipélago:

Tenho saudades do outro lado do mar  
Dias de areia e de espuma  
Dias de barco sem cais nos escaleres da vida  
Dias de longe e de perto  
A cruzarem o meu destino mestiço  
Entre as tílias do Rossio  
E a ilha de chocolate

(BEJA, 2010)

Conceição Lima, nascida em 1961, em Santana, na Ilha de São Tomé, vem atuando no cenário das letras desde 1984, com trabalhos dispersos em jornais e revistas impressos e eletrônicos. Em 2004 publicou a antologia *O útero da casa*; em 2006, *A dolorosa raiz do micondó* e atualmente prepara um livro sobre suas crônicas publicadas no jornal eletrônico *África21*.

A inclinação para a memória autobiográfica e coletiva da poetisa são-tomense já pode ser vislumbrada em **O útero da casa**, obra povoada das recordações de família, assim como de releituras ácidas em tom de denúncia da história social das ilhas:

Apaguem os canaviais, os cacauzais, os cafezais

Rasurem as roças e a usura de seus inventores

Extirpem a paisagem da verde dor de sua íris

E eu vos darei uma narrativa obliterada

Uma esparsa nomenclatura sedenta de heróis

(LIMA, 2004, p. 31)

No livro de poemas **A dolorosa raiz do micondó**, Conceição Lima confirma sua adesão ao memorialismo de dupla face, em que se mistura o tom intimista e coletivo, quando a paisagem se converte em representação lírica e ganha contornos simbólicos e míticos, desvelando uma dicção trágica e dolorosa. Tais confissões não deixam de ser uma estratégia de resistência poética e política. Segundo Michel Foucault (2002), no que concerne a representação do passado, a memória é um recurso político muito importante, por ser um fator de disputa, pois controlar a memória das pessoas significa controlar seu dinamismo, por isso é vital possuir e administrar a memória.

O título **A dolorosa raiz do micondó**, a princípio pode ser atribuído a uma referência botânica e paisagística local, pois o micondó é uma árvore nativa de São Tomé e Príncipe, crescendo em outros países africanos também conhecido como baobá. Conforme Hamilton Russell (2006) o micondó/baobá alcança uma altura de mais de vinte e três metros, com raízes muito profundas e pode viver por cerca de dois milênios. É considerada ainda totêmica e mítica, segundo Inocência Mata, “representando a capacidade de resistência, de persistência e vivificação dos povos africanos” (MATA, 2006, p. 250). Nessa perspectiva, a longevidade da árvore faz com que ela atravesse diversas gerações da história do lugar onde está plantada, abrigando valores e sem dúvida tornando-se portadora simbólica da memória local. Não se pode esquecer a relação de reverência que os povos africanos guardam em relação à natureza, a árvore é considerada elemento sagrado em diversas culturas, ultrapassando a dimensão botânica e paisagística para converter-se em símbolo cultural.

Outra hipótese na escolha do título para o conjunto dos vinte e sete poemas do livro diz respeito ao campo semântico da raiz, espécie de cordão umbilical que liga a árvore à terra, em última análise metaforiza o desejo humano de conhecer e reconhecer sua raiz familiar, de buscar suas origens. No caso dos povos africanos, em que a diáspora força a marca sua história social e cultural, este conhecimento é envolvido pelas sombras, pelo desenraizamento e esfacelamento de famílias por vezes numerosas.

A rasura na memória familiar e a busca para preencher seus vazios podem ser vislumbradas no poema que abre o livro “Canto obscuro às

raízes". Nele a poetisa busca descobrir suas raízes ancestrais como o fez o escritor norte americano Alex Haley, que segundo seus relatos, depois de 12 anos de procura encontrou a aldeia Juffure, localizada na atual Gâmbia, de onde seu ancestral Kunta Kinte foi arrancado pelos comerciantes negreiros:

Alex, obstinado primo  
Alex, cidadão da Virgínia  
que ao olvido dos arquivos  
e à memória dos griots mandinga  
resgatou o caminho para Juffure,  
a aldeia de Kunta Kinte –  
seu último avô africano  
primeiro na América.  
(LIMA, 2006, p. 11)

Diferente de Alex Haley, o sujeito-poético não conseguiu descobrir quem foi seu ancestral, como tantos outros descendentes do continente de africanos que têm em comum na memória a ruptura familiar imposta pelo tráfico de escravizados a partir do século XV, ficando a maior parte das famílias sem a noção do lugar para onde seus antepassados foram levados. Esse esfacelamento familiar cortou as raízes, os laços de inúmeras gerações, desdobrando-se numa tangível perda identitária, uma forma de despersonalização. Essa circunstância é apontada pelo sujeito-lírico, que entende que qualquer escravizado traficada para a América poderia ser seu avô:

Digamos que o meu primeiro avô  
meu último continental avô  
que da margem do Ogoué foi trazido  
e à margem do Ogoué não tornou decerto  
.....

Ele que foi sorvido em chávenas de porcelana  
Ele que foi comprimido em doces barras de castanhas  
Ele que foi embrulhado em chiques papeis de prata  
Ele que foi embalado para presente em caixinhas

O meu concreto avô  
que não se chamava Kunta Kinte  
mas talvez, quem sabe, Abessole

O meu oral avô  
não legou aos filhos

dos filhos dos seus filhos  
O nativo nome do seu grande rio perdido  
(LIMA, 2006, p. 11-12)

A lembrança da escravidão e da violência é perpetuada pelos “griots”, nada mais significativo que a relação simbólica entre os “griots” e o micondó, considerados guardiães da memória:

Os velhos griots que na íris da dor  
plantaram a raiz do micondó  
partiram  
levando nos olhos o horror  
e a luz da sua verdade e das suas palavras  
(LIMA, 2006, p. 14)

Ao longo de seu livro, Conceição Lima não se ocupa de temáticas celebrativas e nacionalistas, tampouco lírico-amorosas, mas seu objetivo é escavar a memória a partir da reconstituição de espaços e da paisagem, lembrando a infância, lugares e eventos que marcaram sua existência. Como o amplo leque de suas memórias apresentadas no livro em questão, extrapola os limites de nosso trabalho, faremos um recorte de ponta dupla, ou seja, realizaremos a leitura de alguns poemas da intimidade como em “São João da Vargem” e a memória social com “Zálina Gabon”.

“São João da Vargem” é uma espécie de capítulo a parte, pois desdobra-se nos poemas “O anel das folhas”, “A sombra do quintal”, “As vozes”, “Olhos dos retratos”. Neles a poetisa mergulha nas memórias de infância e desliza da poesia para a dicção da prosa, próxima do relato, quando confessa a inocência da alienação infantil:

Quando eu não era eu  
Quando ainda não sabia que já era eu  
Quando não sabia que era quem sou  
os dias eram longos e redondos e cercados  
e as noites profundas como almofadas  
(LIMA, 2006, p. 57)

Nessa rememoração, o sujeito-lírico capta a essência da paisagem carregada de sentido e permeada pela afetividade:

Não havia horas, ninguém tinha pressa  
senão minha mãe  
E eu amava na doce vênua dos canaviais  
o restolhar de verdes folhas e ondas mansas.  
  
As viuvinhas e pirikitos e keblankanás

- que eu rastejava para agarrar –  
erguiam então um alarido de asas e chilreios.  
E o mundo voava, o mundo era alto, o mundo era alado.  
(LIMA, 2006, p. 58)

O micondó irrompe com seu poder mítico e simbólico de guardar as lembranças deste universo, sinalizando para uma representação identitária local:

O micondó era a força parada e recuada  
escutava segredos, era soturno, era a fronteira  
e tinha frutos que baloiçavam, baloiçavam  
nunca paravam de baloiçar.  
(LIMA, 2006, p. 58)

O conjunto desses poemas apresenta como centro o quintal, um dos espaços mais representativos da infância, em que liberdade, brincadeiras, convivência familiar são a tônica, e na versão poética de Conceição Lima configura-se como metonímia do mundo:

E eu corria e ria, eu voava, o mundo era grande  
eu tinha o mundo, o quintal era meu.  
(LIMA, 2006, p. 61)

O poema “Zálina Gabon” é repleto de aspectos culturais do imaginário local, ao trazer à cena os fantasmas de escravizados trazidos do Gabão para São Tomé. E esses seres que transitam entre dois mundos, sem pertencer a nenhum, são tratados pelo enunciador lírico com naturalidade: “Falo destes mortos como da casa, o pôr do sol, o curso d’água” (LIMA, 2006, p. 22).

Presenças que trazem à memória trágicas histórias de vida perpetuam assim as tristezas, o sofrimento que a colonização e o regime escravocrata escreveram na história de São Tomé e Príncipe:

Por que eles vêm e vão mas não partem  
Eles vêm e vão mas não morrem  
  
Permanecem e passeiam com passos tristes  
que assombram o barro dos quintais  
e arrastam a indignidade da sua vida e sua morte  
pelo ermo dos caminhos com um peso de grillhões.

Às vezes, sentados sob as árvores vergam a cabeça e choram.  
(LIMA, 2006, p. 22)



Apaziguar a memória dos mortos revela um dado cultural do imaginário do povo são-tomense, como se a mesa de oferendas representasse o encontro de mortos e vivos, do passado e presente num ato de solidariedade:

Por remorso, temor, agreste memória  
Por ambígua caridade, expiação de culpa  
aos mortos-vivos ofertamos a mesa do candjumbi  
feijão preto, mussambê, puíta, ndjambi.  
(LIMA, 2006, p. 23)

“Zálina Gabon” dialoga com “Dois poemas quase religiosos” de Maria Manuela Margarido, comprovando a estreita ligação entre o mundo de mortos e vivos atribuído pela cultura local:

Nas minhas ilhas  
nada escapa à contabilidade dos espíritos  
.....  
quando na noite despertam as vegetações  
mais tensas e mais opulentas  
cheias de gestos de palavras de desejos  
Se os espíritos pedem comida e tabaco  
com seus movimentos oscilantes  
é para manter viva esta comunicação  
necessária entre os que já partiram  
e os que vão chegar,  
mensageiros do além:  
.....  
(MARGARIDO, 1977, p. 58-59)

Segundo Paul Claval, a paisagem como objetos de investimentos afetivos, pode suscitar muitos tipos de significados e sentimentos, alguns lugares encontram-se carregados do transcendente, pois são frequentados por espíritos “que estão lá para lembrar que existem outras realidades além daquelas do mundo visível” (CLAVAL, 2004, p. 52).

A história dos vivos e dos mortos de São Tomé contrasta com a beleza exuberante do arquipélago. Quando os portugueses aportaram por volta de 21 de dezembro de 1471, a ilha provavelmente era desabitada, e segundo Isabel Castro Henriques a colonização foi quase imediata, tendo como objetivo central a implantação da cultura da cana-de-açúcar. A estudiosa explica ainda que o povoamento da ilha teve como base três grupos populacionais distintos quanto à sua origem geográfica:

portugueses majoritariamente degredados e livres, em particular comerciantes e outros moradores que tendo vindo com capitães donatários, ali se instalaram definitivamente. Outros europeus, não só

judeus castelhanos que acompanharam Álvaro Caminha em 1493, mas também 'muitos comerciantes (...) castelhanos, franceses, genoveses e de qualquer outra nação' ... Africanos, essencialmente 'escravos negros com suas escravas (...) de Guiné, Benim e Manicongo (...) (HENRIQUES, 2004, p. 188)

O arquipélago tornou-se ainda do século XVI ao século XIX entreposto de navios negreiros que ali carregavam mantimentos para a longa viagem da África para a América. Tal panorama revela a intensidade do drama humano de que o arquipélago foi palco, desenraizamento étnico, social, esfacelamento familiar, violência, levando o eu-poemático anunciar que estes mortos vitimados pela tragédia da escravidão são diferentes:

Por isso não os confundo com outros mortos  
apaparicados com missas, nozados, padres-nossos  
(LIMA, 2006, p. 23)

A poetisa torna-se assim porta-voz dessas vozes que foram silenciadas em séculos de injustiça e violência perpetrada pelo colonizador. De certa forma, a memória histórico-social expressa pela força poética revela que a cidade continua habitada pelos fantasmas dos escravizados e dos ex-contratados:

Ele porém marcharão sempre, não dormirão  
recusarão a tardia paz da sepultura, o olvido  
acesa sua cólera antiga, seu grito fundo  
ardente a aflição do silêncio, a infância crua.

Eis porque vigiam estes mortos a nossa praça  
seu é o aviso que ressoa no umbral da porta  
na folhagem repercutem audíveis clamores  
a atormentada ternura do sangue insepulto.  
(LIMA, 2006, p. 23)

É possível constatar que a metáfora da raiz dolorosa que aponta para os antepassados já surgira na antologia **O útero da casa**:

Na raiz da praça  
sob o mastro  
ossos visíveis, severos, palpitam.  
Pássaros em pânico derrubam trombetas  
recuam em silêncio as estátuas  
para paisagens longínquas.  
Os mortos que morreram sem perguntas

regressam devagar de olhos abertos  
indagando por suas asas crucificadas.  
(LIMA, 2004, p. 23)

O percurso corrosivo que marca a memória intimista e social da poetisa não leva Conceição Lima a abandonar a interface do estetismo, ao trazer incursões pela metapoesia, como revelam os seguintes versos:

Sei que certos poemas juntam os versos como se os  
Deitassem numa vala comum

Certos poemas sentem dó da metáfora, trancam a porta  
Na cara da rima.  
(LIMA, 2006, p. 31)

A paisagem enquanto representação literária da memória poética converte-se em forma de resistência ao promover a desconstrução do discurso homogêneo do nacionalismo pelo viés do nativismo, do exotismo em relação à natureza de São Tomé. O aspecto ideológico da exaltação à natureza presente em algumas obras literárias coloniais procura ofuscar a dramática história humana que se desenrolou no arquipélago. É sob essa perspectiva que o eu-poemático vislumbra “A outra paisagem”:

Da lisa extensão dos areais  
Da altiva ondulação dos coqueiais  
Do infindo aroma do pomar  
Do azul tão azul do mar  
.....  
De tudo isto e do mais –  
a redonda lua, orquídeas mil, os canaviais –  
de maravilhas tais  
falareis vós  
Eu direi dos coágulos que mineram  
a fibra da paisagem  
do jazigo nos pilares da Cidade  
e das palavras mortas, assassinadas  
que sem cessar porém renascem  
na impura voz do meu povo.  
(LIMA, 2006, p. 56)

Assim, por meio da metafórica raiz do micondó, dos espaços e das paisagens, a poetisa escava a memória íntima e social, buscando em suas zonas de sombra a representação das origens dos antepassados, as origens das dores passadas, as origens dos dramas fincados no solo

de São Tomé, porém modulando o ritmo de sua poesia na leveza das lembranças de infância.

## ABSTRACT

In her book *A dolorosa raiz do micondó*, Conceição Lima, a poet from São Tomé, reconstructs spaces, intimate, social and historical landscapes through the lyrical representation of her memory. The backyard of her childhood, the micondó tree, among other spatial and scenic places, receive symbolic outlines in these reminiscences, which also expand in the memory of painful times lived in her country. This article intends to read these landscapes by analyzing the way through which they disclose the social history of São Tomé and the poetic self's, reshaped through memorialism.

Key words: Poetry from São Tomé; Landscape; Memory; Lyrical representation; Archipelago.

## REFERÊNCIAS

BEJA, Maria Olinda. *Cruzamentos*. Disponível em <<http://www.ipv.pt/galeria/regresso/beja.htm>>. Acesso em: 30 de out 2010.

CLAVAL, Paul. A paisagem dos geógrafos. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Org). *Paisagens, textos e identidade*. Rio de Janeiro: Eduerj, 2004. p. 13-73.

ESPÍRITO SANTO, Alda. *É nosso o solo sagrado da terra*. Lisboa: Ulmeiro, 1978.

FOUCAULT, Michel. Representar. In: FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. 8. ed. Tradução de Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2002. p. 63-105.

GANDY, Matthew. Paisagem, estética e ideologia. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Org). *Paisagens, textos e identidade*. Rio de Janeiro: Eduerj, 2004. p.75-90.

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. Tradução de Ricardo Uebel *et al.* *Revista Educação e Realidade: cultura, mídia e educação*, UFRGS, Porto Alegre, v. 22, n. 2, p. 15-46, jul./dez. 1997.

HAMILTON, Russell G.. A dolorosa raiz do micondó: a voz poética intimista, são tomense, pan-africanista e globalista de Conceição Lima. *Veredas: revista da associação internacional de lusitanistas*. Porto Alegre, v. 7, p.253-265, 2006.

HENRIQUES, Isabel Castro. *Os pilares da diferença: relações Portugal-áfrica séculos XV-XV*. Lisboa: Caleidoscópio, 2004. p.181-220.

LIMA, Conceição Lima. **O útero da casa**. Lisboa: Editorial Caminho, 2004.

LIMA, Conceição Lima. **A dolorosa raiz do micondó**. Lisboa: Editorial Caminho, 2006.

MARGARIDO, Maria Manuela. Dois poemas quase religiosos. **Colóquio**, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, n. 39, p. 58-59, 1977.

MARGARIDO, Maria Manuela. In: DÁSKALOS, Maria Alexandre *et al.* **Poesia africana de língua portuguesa**: antologia. Rio de Janeiro: Lacerda Editores, 2003. p. 270-274.

MATA, Inocência. **Diálogo com as ilhas**: sobre cultura e literatura de São Tomé e Príncipe. Lisboa: Edições Colibri, 1998.

MATA, Inocência. A poesia de Conceição Lima: o sentido da história das rumações afetivas. **Veredas**: revista da associação internacional de lusitanistas. Porto Alegre, v. 7, p. 235-251, 2006.

TENREIRO, Francisco José Tenreiro. **Ilha de nome santo**. Coimbra: Imprensa da Atlântica, Portugalia, 1942.